

Lição 15 — Os Princípios do Movimento nos Seres Vivos (Continuação). O Que Eles São

TEXTO 433a9-433b27 - LIVRO III, CAPÍTULO X

OS PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO NOS SERES VIVOS CONTINUADOS

O QUE ELES SÃO

Parece que existem duas forças motrizes, o intelecto e o apetite (se considerarmos a imaginação como uma espécie de intelecto. Pois muitos seguem a imaginação em vez do conhecimento intelectual, enquanto em outros animais não há intelecto ou razão alguma, mas apenas imaginação). Ambas efetuam, então, o movimento local — o intelecto e o apetite. §§ 818-19

Agora, o poder intelectual que raciocina com algum propósito em vista, e é prático, difere em seu fim do especulativo. A apetição também é sempre para um propósito; pois aquilo de que há desejo é o princípio do intelecto prático. O fim último é o primeiro princípio da ação. Portanto, parece razoável considerar estas duas como as forças motrizes: a apetição e a razão prática. Pois o objeto do apetite causa movimento; e é para isso que a razão também inicia o movimento, sendo o desejável o seu princípio. E quando a imaginação move, só o faz com a apetição. Portanto, há um único motor — o objeto desejado. Pois se houvesse dois motores, intelecto e apetição, eles moveriam em virtude de algum princípio comum. Ora, a razão não parece causar movimento sem a apetência; pois a vontade é uma apetência. Quando há movimento pela razão, há também movimento pela vontade. Mas a apetição move sem a razão, pois a concupiscência é uma espécie de apetição. §§ 820-5

Todo intelecto, então, é reto, mas a imaginação e a apetição podem ser retas ou não retas. Portanto, embora o objeto do apetite seja sempre o que motiva, este pode ser um bem ou apenas um bem aparente. Não, contudo, todo bem, mas o bem prático. Ora, um objeto prático é aquele que pode ser diferente do que é. É evidente, portanto, que o que move a alma é um poder deste tipo chamado apetite. §§ 826-7

Pois aqueles que dividem a alma em partes, se a separam distinguindo seus poderes, resultam muitas partes: a vegetativa, a sensitiva, a intelectual, a deliberativa e, por fim, a apetitiva. Estas diferem umas das outras muito mais do que a concupiscível e a irascível. § 828

Uma vez que os apetites podem se opor uns aos outros, isso ocorre quando a razão e o desejo são contrários (e apenas em seres que possuem senso de tempo. A razão comanda a contenção em prol de algo futuro, mas o desejo é pelo que é presente agora. Pois o que parece desejável em qualquer instante dado parece desejável sem qualificação e bom sem qualificação, porque o futuro não é aparente). § 829

A força motriz será, portanto, especificamente uma — o desejável, ou o próprio apetite; e primeiramente o desejável, pois este é o que causa movimento sem ser ele mesmo movido, simplesmente por ser entendido ou imaginado —, mas numericamente há vários fatores motores. § 830

Uma vez que existem estes três: o motor; em segundo lugar, aquilo pelo qual ele move; em terceiro lugar, aquilo que é movido; e uma vez que o motor é duplo (o imóvel, e o motor que também é movido), o motor imóvel é, conseqüentemente, o bem prático, enquanto aquilo que tanto move quanto é movido é o apetite. Pois o sujeito desejante é movido na medida em que deseja, e seu desejo é um ato ou movimento de um certo tipo. O que recebe o movimento é o animal. Mas aquilo pelo qual ele se move é um órgão, já algo corpóreo. Portanto, o que lhe pertence deve ser estudado juntamente com as atividades comuns ao corpo e à alma. § 831

Agora, em suma, o movimento orgânico surge onde o princípio e o termo são os mesmos: como na junta de uma dobradiça estão o convexo e o côncavo — sendo este o fim, aquele o começo. Portanto, um está em repouso enquanto o outro se move. Eles são distintos em ideia, mas inseparáveis espacialmente. Todas as coisas se movem empurrando e puxando. Portanto, deve haver, como num círculo, algo que permaneça parado; a partir do qual [ponto] o movimento começa. §§ 832-5

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO DÉCIMA QUINTA

§ 818. Até aqui, o Filósofo investigou o princípio do movimento local nos animais pelo método de refutar soluções insatisfatórias; mas agora ele expõe a verdade positiva sobre a matéria: primeiro, mostrando em geral qual é esse princípio; e, em segundo lugar, em 'De modo geral, então', como ele varia em diferentes sujeitos. O primeiro ponto se divide novamente em (a) uma declaração do princípio motor nos animais; e (b), em 'A força motriz será, portanto', uma análise dos fatores em ação quando esse princípio está em atividade. Novamente, (a) subdivide-se em três pontos: (1) Que existem dois princípios motores; (2) ele os reduz a um, em 'Agora, o poder intelectual', enquanto com (3) ele responde a uma objeção (em 'Uma vez que os apetites') já levantada.

Primeiro, então, ele diz que o exame anterior torna claro que nem a parte vegetativa nem a sensitiva são o princípio motor, uma vez que são encontradas em coisas que não se movem. Assim, parece que os princípios motores são dois: intelecto e apetência. Note-se, porém, que ele

inclui a imaginação sob o intelecto; pois ela se assemelha ao intelecto na medida em que impulsiona a ação na ausência de objetos sensíveis.

§ 819. Pois em suas ações, muitas pessoas seguem as mudanças em suas imaginações em vez do conhecimento racional; por exemplo, aqueles que agem impulsivamente sem reflexão. Além disso, outros animais são obviamente impelidos à ação apenas através da imaginação, não através do intelecto ou da razão; mas os homens através tanto do intelecto quanto da imaginação. Claramente, então, ambos são princípios motores: intelecto (incluindo a imaginação) e apetição.

§ 820. Então, em 'Agora, o intelectual', ele reduz os dois a um; e isso em três estágios: (1) justificando a redução; (2), em 'Todo intelecto, então, é correto', usando-a para mostrar a causa de um fator acidental particular nos movimentos animais; e (3) refutando, em 'Pois aqueles que dividem', uma divisão antiga dos poderes da alma.

Primeiro, então, ele diz que a mente como princípio motor é a mente na medida em que raciocina para algum propósito além do mero raciocínio; em outras palavras, é a razão prática, que difere da especulativa por uma finalidade diferente; pois enquanto esta última considera a verdade por si mesma e nada mais, a razão prática relaciona seu conhecimento da verdade a alguma ação a ser realizada.

§ 821. Ora, obviamente toda apetição é para algum fim além de si mesma. É absurdo dizer que o desejo é pelo desejo em si; o desejo é essencialmente uma tendência ao 'outro'. Além disso, um objeto de desejo é sempre o ponto de partida da razão prática; o que é desejado primeiro fornece o fim de onde suas deliberações começam. Se desejamos ponderar um curso de ação, primeiro estabelecemos algum fim e então deliberamos sobre os meios, voltando, por assim dizer, do que virá depois para o que deve ser feito imediatamente no início. Por isso ele acrescenta que a última coisa que a razão prática considera é a primeira coisa que precisa ser feita — ou seja, o ponto de partida de toda a ação. É por isso que é razoável afirmar que tanto a apetição quanto a razão prática são princípios motores; pois o objeto desejado certamente incita à ação, e é também o que a razão prática considera primeiro; de modo que esta última é dita impelir à ação porque o ponto de partida de suas deliberações, o objeto desejado, assim o faz.

§ 822. E o que é dito do intelecto pode ser aplicado à imaginação; se ela move, o faz apenas em virtude de um objeto desejado: do qual ela contém, como o intelecto, uma representação.

§ 823. Portanto, está claro que, em última análise, existe um único motor, o objeto desejado. Pois este tanto move a apetição quanto fornece um ponto de partida para o intelecto prático — os dois princípios motores que foram assumidos.

§ 824. E é razoável que esses dois princípios sejam reduzidos à unidade no objeto de desejo; pois se tanto o intelecto quanto a apetição são princípios com respeito a um único e mesmo movimento, eles devem, como tais, compartilhar a mesma natureza específica; já que um único efeito implica sempre uma única causa precisamente daquele efeito. Ora, não se pode dizer que o apetite é um princípio motor por compartilhar a natureza específica do intelecto, mas sim e *converso*; pois o intelecto só move algo em virtude da apetição. Ele move por meio da vontade, que é uma espécie de apetição.

§ 825. A explicação disso (dada no Livro IX da *Metafísica*) é que a razão prática é essencialmente equilibrada entre alternativas; nem pode iniciar o movimento a menos que a apetição a fixe exclusivamente em uma alternativa. A apetição, por outro lado, pode mover à ação independentemente da razão, como vemos no caso do desejo concupiscível que é uma espécie de apetite. Ele menciona este desejo em vez do irascível porque, ao contrário do irascível, ele não tem mistura de racionalidade (como ele mostra no Livro VII da *Ética*). Claramente, então, os princípios motores são redutíveis ao único objeto da apetição.

§ 826. Em seguida, em 'Todo intelecto então', ele aplica o que foi dito a um fator accidental particular no movimento ou ação, explicando por que erramos em nossas ações. 'Todo intelecto', ele diz, 'é correto', com o que ele quer dizer que nunca erramos sobre os primeiros princípios da ação, sobre verdades como 'é errado fazer mal a alguém', ou 'a injustiça nunca é correta', e assim por diante. Esses princípios correspondem aos primeiros princípios igualmente infalíveis da razão especulativa. Mas quanto às consequências desses primeiros princípios, se as apreendemos corretamente, é porque nosso pensamento é consistente com nossa compreensão dos princípios, enquanto se nos desviamos da verdade, a culpa está em nosso raciocínio. A apetição e a imaginação (princípios motores também) podem ser, por outro lado, corretas ou erradas. Portanto, se agimos mal, é, em última análise, porque ficamos aquém do que conhecemos intelectualmente; e nossa conclusão anterior permanece, de que o impulso motor final vem do objeto de desejo.

§ 827. Ora, este objeto é ou um bem real ou um bem aparente: é um bem real se o julgamento original correto da mente é mantido; é apenas um bem aparente se o apetite ou a imaginação causam um desvio desse julgamento. No entanto, nem todo bem é desejável como causa de ação, mas apenas o bem-como-termo-da-ação, ou seja, um bem que está realmente relacionado às nossas ações. E precisamente como tal, nenhum desses bens é sempre bom da mesma maneira; pois deve variar em relação a nós mesmos. É por isso que o bem último e absoluto, considerado em sua universalidade, não nos move a agir como tal. Claramente, então, a força motriz final deriva da própria alma agindo através do poder apetitivo.

§ 828. Então, em 'Pois aqueles que dividem', ele rejeita uma divisão antiga das partes motoras da alma em potências racional, irascível e concupiscível. Se, ele diz, a intenção era enumerar as potências que são realmente distintas umas das outras, outras deveriam ter sido incluídas, a saber, os poderes vegetativo, sensitivo, intelectual, deliberativo e apetitivo. Estes dois últimos são distinguidos da mesma maneira e pela mesma razão que, na *Ética*, Livro VI, Aristóteles distingue a faculdade raciocinativa, que tem a ver com assuntos contingentes, da faculdade científica, que tem a ver com objetos necessários. Todas essas partes da alma diferem mais do que o irascível e o concupiscível, que estão ambos incluídos no apetite sensitivo. Portanto, aquela divisão antiga era incompleta.

§ 829. Em seguida, em 'Uma vez que os apetites podem', ele enfrenta uma objeção já mencionada, a saber, que se o desejo fosse uma força motriz, ninguém seria continente; os continentes, por definição, não seguem seus desejos. Mas essa dificuldade desaparece se considerarmos que no homem existem apetites contrários, dos quais os continentes seguem um e rejeitam os outros. A contrariedade dos desejos surge de uma oposição entre a razão e o apetite concupiscível; e isso acontece 'em seres que possuem um senso de tempo', ou seja, que estão cientes, não apenas do momento presente, mas também do passado e do futuro. Pois às vezes a mente proíbe um homem

de satisfazer um desejo em vista do que acontecerá no futuro se for satisfeito: assim, um homem em estado de febre vê com sua mente que deve se abster de beber vinho. Mas o desejo incita a pessoa a tomar coisas por causa 'do que é agora', ou seja, no momento presente. Pois o que é aqui e agora agradável parece absolutamente agradável e bom se não for relacionado ao futuro.

§ 830. Em seguida, em 'A força motriz', ele analisa o processo dos movimentos em questão; e isso em três etapas. Primeiro, ele mostra como os fatores do movimento são ao mesmo tempo múltiplos e uno. Em seguida, em 'Uma vez que existem esses três', ele explica como eles se relacionam entre si. Finalmente, em 'Agora, em suma', ele define brevemente cada um dos fatores dos quais o movimento depende. Primeiramente, então, ele observa que, se os princípios motores são considerados formal e especificamente, eles se reduzem a um, ao objeto de desejo ou apetite; pois este é o ponto de partida absoluto do movimento, na medida em que, sendo ele próprio imóvel, inicia o movimento através da mente ou da imaginação. E porque os princípios motores secundários só se movem em virtude de sua participação no primário, todos eles, como tais, participam da natureza deste primário. E, no entanto, embora especificamente uno, são numericamente muitos.

§ 831. Em seguida, em 'Uma vez que existem esses três', ele inter-relaciona três fatores no movimento: (1) o motor, (2) o órgão pelo qual ele move, e (3) a coisa movida. Ora, o motor é duplo: um motor imóvel, e um motor que se move por ser ele mesmo movido. No caso dos animais, o motor imóvel é algum bem real que influencia o desejo através do intelecto ou da imaginação. O motor movido é o próprio desejo, pois tudo o que deseja é movido na medida em que deseja, sendo o desejo em si um certo ato ou movimento no sentido que damos ao termo 'movimento' quando o aplicamos a atividades que são consequentes da atualidade, como sentir e compreender. Então, a coisa movida é o próprio animal. E o órgão pelo qual o desejo se traduz em movimento é uma parte do corpo; é o órgão motor primário; portanto, deve ser tratado juntamente com as atividades comuns ao corpo e à alma (e é, de fato, examinado no *De Causa Motus Animalium*). Mas aqui e agora, estamos preocupados particularmente com a alma.

§ 832. Em seguida, em 'Agora, em suma', ele expõe brevemente sua visão sobre o órgão do movimento local. Ele diz que o princípio motor orgânico primário deve ser tal que o movimento comece e termine no mesmo ponto, procedendo como que em círculo, e tendo uma dilatação no ponto de partida e uma concavidade no fim. Pois o movimento contrário contrai o órgão em concavidade, enquanto o impulso expansivo, de onde o movimento começa, segue uma dilatação do órgão.

§ 833. Ora, admitindo que este órgão primário é tanto o ponto de partida quanto o termo do movimento, ele deve, como ponto de partida, ser imóvel, e, como termo, estar em movimento; e ambos ao mesmo tempo. Pois em qualquer movimento, o ponto de partida em si não se move; todo movimento deve proceder do imóvel — como, por exemplo, enquanto a mão se move, o braço está parado, e enquanto o braço se move, o ombro está parado. No entanto, esses dois fatores no órgão, o imóvel e o movido, embora distintos no pensamento, são substancial e espacialmente inseparáveis.

§ 834. E que o órgão é tanto ponto de partida quanto termo (e, portanto, tanto imóvel quanto movido) é claro pelo fato de que todos os movimentos animais consistem em impulsos e retrações.

Na impulsão, a força motriz vem do ponto de partida, pois o agente impelente se lança para a frente contra o que é impelido. Mas na retração, a força motriz vem do termo, pois o poder de tração puxa algo de volta para si. Assim, o primeiro órgão do movimento local nos animais deve ser ao mesmo tempo um ponto de partida e um termo.

§ 835. Portanto, deve haver nele algo que permanece parado e, no entanto, inicia o movimento. E nisso, ele se assemelha ao movimento circular: pois um corpo que gira em círculo é mantido como um todo no mesmo lugar pela imobilidade do centro e dos polos. No pensamento, ele pode se mover como um todo, mas não na realidade. Na realidade, ele permanece em um só lugar. Mas suas partes mudam de lugar realmente, e não apenas no pensamento. E assim é com o coração: ele permanece fixo na mesma parte do corpo enquanto se dilata e se contrai, dando origem a movimentos de impulsão e retração. Assim, ele é, de certo modo, tanto imóvel quanto em movimento.

Revision #1

Created 4 October 2026 20:09:10 by Admin

Updated 4 October 2026 20:09:41 by Admin